

EDITORIAL/
EDITORIAL

Neste número, Educação em Revista publica, ao lado de artigos sobre diferentes temas da pesquisa educacional, um dossiê sobre letramento digital.

Embora bastante recente no Brasil, o termo letramento ganhou diferentes acepções, muitas delas divergentes. No dossiê, ele é, em linhas gerais, entendido como cultura escrita, quer dizer, aquele conjunto de práticas, processos, significados e valores que se organizam em torno da língua escrita. Acrescido do adjetivo digital, designa a cultura escrita que vem sendo produzida em torno das possibilidades construídas pela informática, em configurações às vezes mais, às vezes menos estáveis. Os artigos que integram o dossiê – apresentados por seus organizadores, Ana Elisa Ribeiro (CEFET-MG) e Marcelo El Khouri Buzato (Unicamp) – abordam, sob distintos pontos de vista, essa cultura emergente e em permanente mudança, mas têm um denominador comum que, como defendem os organizadores, reside na busca de compreensão da educação para e com a informática, no quadro dessa nova cultura escrita em formação.

Dossiês temáticos possuem grande relevância para investigadores, na medida em que realizam uma espécie de mapeamento das principais tendências na pesquisa sobre determinado tema e permitem, assim, ao leitor, uma avaliação das direções que essa investigação vem assumindo. Apesar disso, é a seção de artigos que constitui o centro de qualquer revista acadêmica, pois é ela que reflete de modo mais preciso um campo de pesquisa em seu movimento. A investigação educacional que este número dá a conhecer se organiza fundamentalmente em torno dos sujeitos envolvidos no processo educativo: professores, de um lado, crianças e jovens, de outro.

Os quatro primeiros trabalhos se voltam para os professores, por meio do estudo, com base em distintos quadros de referência, de diferentes dimensões de seus processos formativos e de seu trabalho: da escolha do curso ao impacto de reformas educativas em sua prática e em sua relação com o trabalho.

No primeiro deles, por meio de uma sociologia disposicional, Cláudio Nogueira e Flávia Pereira analisam o processo de escolha do curso de Pedagogia por um grupo de jovens mulheres. Como essa sociologia tende a compreender, grosso modo, as escolhas, os gostos e as inclinações dos agentes como uma forma de adaptação a sua posição social objetiva, os autores se propõem examinar essa explicação geral, estudando casos de alunas do curso de Pedagogia cuja opção pelo curso superior, em princípio, contradizem essa explicação. Intitulado “O gosto e suas condições de realização: a escolha por Pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado”, o trabalho fornece elementos para

a construção de um quadro conceitual que favoreça a apreensão das escolhas vocacionais e, especialmente, daquelas por cursos de licenciatura.

O segundo artigo, de Silmara Papi e Pura Martins, analisa as pesquisas que, no campo da investigação sobre formação de professores, estudam os primeiros anos de atuação de docentes. Para isso, buscam apreender as principais tendências da produção brasileira, mapeada por meio de diferentes fontes. Com o título “As pesquisas sobre professores iniciantes: algumas aproximações”, o artigo chama a atenção, em suas conclusões, para a inexistência de políticas voltadas para a formação de professores nesses anos iniciais de trabalho, bem como para a necessidade de se explorar mais amplamente, em pesquisas, a temática.

O terceiro artigo – “Vivir la ciudad: experiencias de maestros en el contexto urbano de Popayán” – apresenta os resultados de uma pesquisa sobre os imaginários de docentes sobre a cidade – considerada como um “espaço de e para a comunicação”. Desenvolvida por meio da análise de relatos autobiográficos escritos por professores de escola básica em oficinas, a investigação – de autoria de Alexander Buendía, Deibar Hurtado e Maria Simmonds – procurou apreender processos de socialização que se desenvolveram na relação com o espaço urbano, bem como o uso, pelos docentes, em suas práticas, de meios e instâncias de comunicação, especialmente aqueles que se organizam em torno de espaços institucionais e urbanos.

O quarto artigo, que, neste número, examina dimensões da formação e prática docentes, volta-se para o impacto, no trabalho de professores paulistas, de reformas educacionais que, nesse estado, vêm sendo implementadas desde meados da década de 1990. Assinado por Maria José da Silva Fernandes, o artigo baseia-se em dados obtidos por entrevistas realizadas com um grupo de 30 professores a respeito de sua visão, no contexto das reformas, das escolas públicas paulistas. O trabalho – intitulado “As recentes reformas educacionais paulistas na visão dos professores” – sustenta que essas reformas, por meio da introdução de “elementos gerencialistas e performáticos no trabalho dos professores”, trouxe fortes alterações no trabalho e um “sofrimento ético” diante da perda, nesse contexto, do que a autora considera ser “a especificidade histórica” do trabalho docente.

Jovens e crianças são o tema do segundo grupo de artigos, que aborda os sujeitos da educação. O trabalho de Maria Lúcia Wortmann – sob o título de “A magia da escola na escola da magia” – o faz por meio do estudo da escola que é construída na coleção de J. K. Rowling sobre Harry

Potter. Se, com certeza, essa coleção e toda a produção em diferentes mídias que se desenvolve em torno dela não se reduzem ao leitor infante-juvenil a que a princípio se destinam, o artigo – baseado na ideia de que os livros exercem uma espécie de pedagogia cultural – fornece elementos para a compreensão do modo como, numa obra de forte apelo junto a seu público, são produzidas a escola, o que nela se faz e o que ela faz.

A criança também constitui o tema central do artigo “Real versus ficção: criança, imagem e regimes de credibilidade no cinema-documentário”, assinado por Fabiana de Amorim Marcello. Ela é abordada, porém, por meio das imagens que dela constroem dois documentários sobre as crianças: árabes e palestinas, em *Promessas de um mundo novo* ([Promises]. Estados Unidos/Israel, 106 min., 2001), e indianas, em *Nascidos em bordéis* ([Born Into Brothels: Calcutta’s Red Light Kids]. Estados Unidos, Índia, 85 min., 2004). A atenção do trabalho se dirige para o modo como se dá a construção de imagens de “crianças que já têm seu futuro traçado, previsto” e suas conclusões enfatizam não as imagens mesmas produzidas, mas os mecanismos pelos quais se constrói um “regime de credibilidade” para elas.

Uma concepção da infância que integre as dimensões culturais e biológicas do fenômeno é a aposta de “Corpo e infância: natureza e cultura em confronto”, título do ensaio assinado por Márcia Buss-Simão, Francisco de Medeiros, Ana Márcia Silva e João Josué da Silva Filho. Apoiando-se em trabalhos filosóficos e da sociologia da infância, os autores procuram construir uma base conceitual capaz de favorecer os processos educativos da criança.

São também as ambiguidades e tensões dos significados que se atribuem a um ciclo de vida – agora a adolescência, e não mais a infância – o tema do artigo de Cláudio Márcio Araújo e Maria Cláudia Oliveira, intitulado “Significações sobre desenvolvimento humano e adolescência em um projeto socioeducativo”. Por meio de uma pesquisa com jovens, corpo técnico e estagiários de uma ação educativa organizada em torno de um circo, os autores analisam “eixos de significação” que revelam uma naturalização da adolescência, bem como, contraditoriamente, concepções baseadas na apreensão do adolescente e da adolescência como processos sociais.

Os dois trabalhos que concluem a seção de artigos se voltam para outros temas da pesquisa educacional. “Mapas conceituais: estratégias de ensino/aprendizagem e ferramenta avaliativa” apresenta uma síntese – tendo em vista finalidades didáticas – de estudos sobre a “aprendizagem significativa” e, nela, do emprego de mapas conceituais na organi-

zação do processo de ensino-aprendizagem e da avaliação. Redigido por Nadia Aparecida de Souza e Evely Boruchowitch, o ensaio argumenta que os mapas permitem “criar possibilidades para a organização do conhecimento pela promoção de experiências educativas que provoquem não somente reflexão, busca de compreensão e processamento profundo da informação, mas também o desenvolvimento da autorregulação, da metacognição e do aprender a aprender”.

Alceu Ferraro, em “Brasil: Liberalismo, café, escola e voto”, por último, analisa – tendo como principal fonte os anais da Câmara dos Deputados – o processo que culminaria na Lei Saraiva, de 1881, pela qual os liberais brasileiros conseguiriam a façanha de unir “duas coisas aparentemente inconciliáveis na perspectiva liberal: de um lado, o voto direto; de outro, a exclusão da grande massa do povo, os analfabetos (80% da população), do direito de voto”. A pesquisa estabelece, ainda, comparações entre o caso brasileiro e o argentino, que do primeiro se diferencia.

Por fim, neste número, apresentamos uma nova seção, voltada para a tradução de artigos que, embora venham sendo utilizados por pesquisadores, especialmente em cursos voltados para a formação de novos investigadores, não estão disponíveis em língua portuguesa. Intitulada Tradução, a seção é inaugurada com um artigo de Agnès Van Zanten, que analisa operações por meio das quais pais, na escolha dos estabelecimentos de ensino de seus filhos, constroem grupos sociais como diferentes e próximos de si, desse modo, abandonando ou buscando escolas para seus filhos. O artigo – intitulado “A escolha dos outros: julgamentos, estratégias e segregações escolares” – foi traduzido por Maria Amália de Almeida Cunha e Ceres Leite Prado.

Neste número, anunciamos ainda duas últimas novidades: Educação em Revista passa, agora, para tornar mais ágil o processo de divulgação e discussão de resultados de pesquisas, a publicar artigos aprovados assim que seu processo de revisão é concluído. Esses artigos estarão – ahead of print – disponíveis para leitura na página da revista na Scielo. Para, finalmente, tornar mais rápido o processo de avaliação de artigos, Educação em Revista implantou, em novembro deste ano, o processo de submissão eletrônica.

Antônio Augusto Gomes Batista
(Editor)